

António Pedro Dores

De: Nicholas McNair <gentlemuse@gmail.com>
Enviado: sexta-feira, 5 de outubro de 2018 22:22
Para: António Pedro Dores
Cc: Miguel Ângelo Lopes; Jose Oliveira; Filipe Ruão
Assunto: Re: sumario encontros oposição

Sinal. de seguimento: Dar seguimento
Estado do sinalizador: Sinalizado

Vou tentar! Comecei a lidar com este texto nos anos 90...

Lumen naturae v. Lumen naturale

Abraço
Nicholas

On Fri, 5 Oct 2018, 21:37 António Pedro Dores, <antonio.dores@iscte-iul.pt> wrote:

Nicholas, Talvez possamos ler esse texto que nos deixas e entender melhor como o interpretas, na próxima segunda feira. Espero que venhas preparado para conduzir brevemente essa leitura.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

De: Nicholas McNair <gentlemuse@gmail.com>
Enviada: 5 de outubro de 2018 09:10
Para: António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>
Cc: Miguel Ângelo Lopes <Angelo_Lopes@iscte-iul.pt>; Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com>; Filipe Ruão <filiperuao@gmail.com>
Assunto: Re: sumario encontros oposição

Bom dia,

Na sequência do meu comentário em relação à filosofia na altura da revolução francesa, aqui em anexo está a tradução para português (com comentário) de um fragmento de 1796/7 pouco conhecido mas de um significado gigantesco, em relação à questão da razão, no meu ver. Peço desculpe para eventuais problemas com a formatação - o texto em sí está na última página. Espero que seja de interesse, pelo menos ao António, no contexto da luta contra o "império".

Abraço

Nicholas

On Fri, 5 Oct 2018 at 08:12, António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt> wrote:

Olá Miguel,

Sim, acho que o sumário e esta troca de emails são materiais que poderão constituir um espólio do que vier a ser estes encontros e poderiam ficar online – a menos que alguém se oponha.

Para as próximas sessões, caso alguém sinta necessidade de expor materiais visuais, uma solução prática sem mudar de sala é levar um portátil – somos suficientemente poucos para ser possível ver num ecrã o que for necessário. Também posso mudar de sala para uma sala de aulas, onde haverá material de projecção, mas talvez não seja necessário. Eu estive confortável.

Quanto à substância do teu comentário:

- 1.As ciências sociais não querem nem aceitam ser ciências naturais, ao contrário das outras ciências. São exercícios cognitivos anti científicos, nesse sentido, a meio caminho entre a ciência e as humanidades: são uma vigarice cognitiva.
- 2.Não conheço o trabalho da Helga, mas tendo em conta o que li no link que forneceste ela opõe trabalho intelectual aplicado transdisciplinar e trabalho autoral de criação cognitiva. Não deixa saída para trabalho cognitivo colaborativo em torno de problemas teóricos empiricamente ilustrados tratados colectivamente, como é o modelo ideal de trabalho científico. Essa é uma das funções das ciências sociais: iludir as possibilidades de fazer ciência sobre o que seja a sociedade.
- 3.A sociologia, entre as disciplinas das ciências sociais, como a teoria crítica, entre a sociologia, como o mostra Kuhn no seu livro, não fazem diferença a não ser na ambição de se constituem em crítica da crítica, mantendo, porém, o mesmo padrão anti-científico politicamente motivado (em torno da social democracia) em negação. Pessoalmente acho que o Kuhn erra em muitas coisas. Nomeadamente em não se interessar pela construção de uma forma de estudo científico das sociedades, concentrado que está em exclusividade em destruir os argumentos básicos das ciências sociais. Mas o seu trabalho, ainda que imperfeito, é fundamental ser feito. E ele fá-lo bem.
- 4.
- 5.A questão do valor da sociologia ou das ciências sociais não é um problema de autores: é um problema cognitivo e os desastres que tal problema inspirou e inspira, em particular o bloqueio das lutas anti-imperiais, no era das independências das colónias a seguir à Il Grande Guerra, coincidentemente com a emergência da sociologia profissionalizada (que se deve distinguir da sociologia anterior, dos clássicos, não profissionalizada, como coisas efectivamente distintas: que tem a ver a sociologia de que falou Comte com a sociologia de Parsons? Uma é uma intuição visionária e a segunda uma tanga muito bem organizada – com diz Damásio na linha que dedica às ciências sociais, uma teoria de sistemas que pode ser usada na biologia, transformada por Parsons numa máquina de vácuo da vida, sem pessoas dentro).

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)

[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

De: Miguel Ângelo Lopes

Enviada: 4 de outubro de 2018 16:29

Para: Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com>

Cc: gentlemuse@gmail.com; António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>; filiperuao@gmail.com

Assunto: Re: sumario encontros oposição

Caríssimos,

Comentando aquilo que tem vindo a ser discutido nesta troca de *emails* (e o que foi discutido no nosso 1º encontro) gostaria de dizer o seguinte.

Primeiro, acho que o sumário que o António fez, resume bem o que foi dito e discutido na segunda-feira. Penso que esse resumo poderá ser colocado *online* se todos concordarem.

Uma breve segunda nota sobre a sala: talvez não tivesse sido a intenção do António, mas uma sala organizada em “mesa redonda” parece-me um bom princípio dado o carácter que se pretende que estas sessões tenham. Claro que se existir alguém que queira apresentar algo visualmente, teremos de ver da possibilidade de outra sala, o que talvez seja difícil.

Entrando mais em concreto no que foi discutido na altura e nos *emails* posteriores tenho apenas algumas considerações:

1. Parece-me que, aparentemente, o problema da “cientificidade” não se coloca só com as ciências sociais. Ao que tudo indica, da leitura que o António fez dos livros de Damásio, a biologia encontra-se também numa situação em que imperam pré-noções (para não dizer preconceitos) que reproduzem o *statu quo*. Irei mais

longe e digo que não é só a biologia, mas muitas (todas?) das ciências ditas duras.

Deixo-vos aqui apenas dois exemplos da “ciência” que se faz

diariamente: [https://www.nature.com/articles/d41586-018-06746-](https://www.nature.com/articles/d41586-018-06746-x)

[x](https://www.nature.com/articles/d41586-018-06746-x) e <https://www.publico.pt/2018/01/09/ciencia/noticia/ibuprofeno-pode-causar-infertilidade-masculina-e-outras-complicacoes-1798749>

No primeiro exemplo fez-se um estudo **em 7 ou 8 polvos** com ecstasy e conclui-se que esta droga

"triggers the release of the neurotransmitter serotonin, causing feelings of happiness and closeness to others", e conclui-se que o estudo “sugere” que "serotonin played an important part in social behaviour in the common ancestor of octopuses and vertebrates, whose branches on the family tree separated more than 500 million years ago.”

No segundo exemplo estamos perante um estudo que envolveu **31 homens** (metade dos quais como grupo de controlo) para se dizer que o ibuprofeno “provocará” disfunção erétil.

Pergunto eu: é isto a ciência? É que isto é o que a comunidade “científica” faz todos os dias.

2. De certa forma isto foi já abordado por Helga Nowotny e colegas (do ramo da sociologia da ciência, mais uma especialização) quando teorizaram sobre o Modo 2 de fazer ciência (a Wikipedia vale o que vale mas deixo-vos aqui o link para um resumo do que que é o Modo 2: https://en.wikipedia.org/wiki/Mode_2)
3. Claro que é notório que as Ciências Sociais adoptaram os paradigmas dos poderes instituídos (aqui a noção de Estado-Nação de Kuhn e de Império do António, fazem todo o sentido), nomeadamente com a profissionalização da Sociologia. Mas a influência da Sociologia perante a da Economia ou a Ciência Política, não é, a meu ver, comparável (também esta questão já foi abordada por Burawoy, um sociólogo). Não por acaso essa influência é manifestamente exponencial a partir da II Guerra Mundial, e não por acaso, basta ir ao que o António escreveu no sumário, mas também constatar que é a partir desse período que a Escola de Chicago entra em pleno fulgor (com o Friedman e o Hayek à cabeça). Daí que a não discussão do neo-liberalismo (para Kuhn o neo-liberalismo nem existe) não faz, para mim, qualquer sentido.
4. Nesse sentido, a crítica que Kuhn e António fazem às Ciências Sociais é pertinente e deve ser feita. Tem de ser alargada a toda a ciência, para além do que, a crítica em si mesma, deve ser discutida, analisada e criticada.
5. Não pretendo com isto efectuar uma defesa acérrima da Sociologia. No ponto em que estou limito-me a tentar retirar de 150 anos de história de pensamento sociológico aquilo que acho que é válido, da mesma forma que tenciono retirar das ideias de Kuhn e do António aquilo que pode ser importante para reformular o actual estado de coisas. Não transformo os “génios” da sociologia em deuses, mas não os descarto pura e simplesmente.

Forte abraço

Com os melhores cumprimentos,

Miguel Ângelo Lopes

On 4 Oct 2018, at 13:15, Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com> wrote:

Amigos

Para clarificar melhor a minha posição relativamente à problemática em discussão, gostaria de acrescentar o seguinte, sublinhando que me apoio em factos muito mais que em teorias (da conspiração ou outras).

É evidente que o sistema, pela sua natureza, pela sua própria racionalidade interna e pelas condicionantes que o sujeitam, funciona perto das crises, proporciona e facilita as crises e vive delas. Ou seja, as crises e o sistema são até certo ponto, uma mesma realidade. Dito isto, e baseado nos inúmeros relatórios e investigações realizados por diversas entidades de supervisão, aquando do rescaldo das maiores crises, principalmente a de 29,30 e a de 2007-8, não podemos deixar de concluir que essas, como outras, foram efectivamente planeadas e executadas com frieza matemática por alguns grandes magnatas de Wall St. para delas colher enormes benefícios, nomeadamente deixando falir os concorrentes que não interessam e comprando a preço de saldo os que interessam. Essas cliques adquirem a cada crise um imenso poder, uma fabulosa concentração de dinheiro e influência que lhes permite ditar as políticas governamentais que mais lhes interessam (quantitative easing, por exemplo ou escandalosas baixas de impostos para os mais ricos). Claro que existe uma óbvia racionalidade nestas acções. Aqui, a Razão não existe em si, mas sobretudo é uma Razão para alguém, neste caso para os 1%. Se o sistema, ou o Império, como o António gosta de lhe chamar, visa a acumulação do lucro a qualquer custo, naturalmente que entra em aberto conflito com uma outra Razão, a do resto da Humanidade, que neste caso, coincide com a Razão da própria Natureza (a depredação dos recursos, etc).

Temos de reconhecer que a captura dos Think-tanks e dos aparelhos académicos por parte da ideologia dos tais 1% tem tido êxito ao estabelecer a racionalidade que melhor lhes convém, no sentido de alargar e reproduzir os termos dessa mesma racionalidade, por mais absurdos que sejam e por mais que a realidade dos factos comprove essa irracionalidade, como as políticas austeritárias, por exemplo.

Abraço

Nicholas McNair <gentlemuse@gmail.com> escreveu no dia quinta, 4/10/2018 à(s) 12:27:

Obrigado, António.

Esta ideia da razão a superar a "natureza" foi um fundamento da ideologia da revolução francesa (1792) como consequência do chamado "século das luzes", mas paralelamente e na mesma década surgia o movimento dos filósofos românticos alemães que se opunha ao cartesianismo e o método científico, inspirado numa visão do homem mais antiga e mais "holística".

É da maior importância que haja vozes de dentro da comunidade científico como o Damásio (ou tu) a confrontarem os mitos dessa mesma comunidade de forma mais acessível ao público em geral.

Parabéns para a tua coragem!

Abraço

Nicholas

On Thu, 4 Oct 2018, 10:46 António Pedro Dores, <antonio.dores@iscte-iul.pt> wrote:

A razão é, alegadamente, diferente da natureza, por definição. A natureza é aquilo que dominava antes da razão. A razão é contra a natureza, tanto do meio como das pessoas, que devem ser disciplinada, amestrada, domesticada.

Daí que haja a ideia de a administração do estado e das empresas, das universidades ou dois tribunais também, ser uma coisa racional, determinada por competências produzidas profissionalmente em torno de saberes discutidos colectivamente para bem de todos. É essa uma grande linha ideológica de legitimação das elites capitalistas e estatais (políticos e funcionários).

Anexo um texto que escrevi a esse respeito recentemente (tem uma versão em inglês, também)

Um abraço, continuamos a conversa.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

De: Nicholas McNair <gentlemuse@gmail.com>

Enviada: 3 de outubro de 2018 20:01

Para: António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>

Cc: Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com>; Miguel Ângelo Lopes <Angelo_Lopes@iscte-iul.pt>; Filipe Ruão (filiperuao@gmail.com) <filiperuao@gmail.com>

Assunto: Re: sumario encontros oposição

Olá António,

Obrigado por isto - que provoca uma pergunta da minha parte: dizes "A experiência laboral mostra a irracionalidade permanente e persistente da actividade de administração, cuja primeira finalidade é a construção da dominação a pretexto do apoio político real do estado e das outras empresas a esse estado de coisas."

Achas isto irracionalidade? Ou é o uso "natural" da razão para fins "naturais"?

Abraço,

Nicholas

On Wed, 3 Oct 2018, 08:46 António Pedro Dores, <antonio.dores@iscte-iul.pt> wrote:

Ainda a respeito da questão levantada pelo Zé, foi reler o sumário e não encontrei a palavra crise. Deduzi que o Zé estava a querer dizer sem se atrever a dizê-lo que as falências são inventadas para benefício dos próprios capitalistas fraudulentos, tal como o homicida o faz para beneficiar do seguro do falecido. A esse respeito escrevi o que segue (podemos voltar a assunto por email ou na próxima segunda feira):

Foram as ciências sociais, entronando a economia como a ciência sem emoções, um dos instrumentos de propaganda da superioridade ontológica e ideológica dos capitalistas. A ideia de que a Razão é capaz de se substituir a Deus na gestão do mundo (que os capitalistas não criaram mas transformam, exploram, à sua vontade) é lisonjeira para a capacidade do "Homem", mas irrealista. Os capitalistas navegam à vista. As universidades das ciências sociais dispuseram-se a dar sentido cósmico, religioso (como a mão invisível dos mercados) ao poder (de origem popular, entregue a Terceiro Estado) burguês. A economia ganhou prestígio de ser capaz de manipular tudo e todos, sobretudo a partir das finanças e das tecnologias aplicadas nos negócios. Mas isso é retunda mentira. A racionalidade empresarial não é razoável: é a capacidade de mobilização desenvolvida pelas sociedades modernas de apoio aos empresários e às suas propriedades privadas, nomeadamente meios de produção e mercadorias, que transforma em razão a simples dominação social pela força, pela chantagem. Qualquer empresa depende radicalmente da capacidade dos seus trabalhadores de desenrascarem, a favor dos patrões, as diferentes contradições laborais, fiscais, profissionais, etc., que é o trabalho de cada um. São os trabalhadores, ao "vestir a camisola", quem torna razoável a dominação e a exploração, sem nenhuma razão ou razoabilidade que o justifique a não ser a submissão, que é o dia-a-dia da vida empresarial.

A experiência laboral mostra a irracionalidade permanente e persistente da actividade de administração, cuja primeira finalidade é a construção da dominação a pretexto do apoio político real do estado e das outras empresas a esse estado de coisas.

É certo que é uma tática de administração, para com os trabalhadores e os concorrentes, fazer choradinhos sobre as dificuldades permanentes do trabalho dos administradores, como se fossem trabalhadores (conversa que se houve também dos profissionais (mais independentes). E que depois do fim do capitalismo baseado nas empresas familiares, passou a ser possível manipular as sociedades anónimas e até beneficiar da respectiva falência. Mas quem beneficia das falências enterra não apenas os trabalhadores que deixam de ter postos de trabalho, mas também os concorrentes (neste caso, os coassociados nas empresas falidas). No tempo da aristocracia, matavam-se primos e irmãos: no tempo da burguesia entregam-se primos e irmãos à polícia ou à falência antecipada, como os bombeiros fazem contrafogos. Não

há é razão para dizer que as falências são meras conspirações da burguesia para subsistir. Ainda que sejam, eventualmente, conspirações, elas podem correr mal e, em qualquer caso, têm consequências.

O que raramente acontece – mas isso é outro tema – é a responsabilização dos responsáveis. Dada a separação entre o nível social da “política”, da decisão arbitrária, incluindo aqui as decisões das administrações das empresas, e os níveis sociais profissionais (onde se colocam os licenciados em ciências sociais) e subordinados, que promovem a razão possível no meio da exploração e da violência, falar da racionalidade da gestão pública ou privada é referir uma disputa ideológica, entre a esquerda e a direita do regime keynesiano e iludir a irracionalidade fundadora da actual vida social: a adoração do crescimento do PIB e da subordinação das sociedades à economia.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

De: António Pedro Dores
Enviada: 2 de outubro de 2018 13:06
Para: Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com>
Cc: gentlemuse@gmail.com; Miguel Ângelo Lopes (Angelo_Lopes@iscte-iul.pt)
<Angelo_Lopes@iscte-iul.pt>; Filipe Ruão (filiperuao@gmail.com) <filiperuao@gmail.com>
Assunto: RE: sumario encontros oposição

Obrigado pela nota, Zé. Não quero dizer, de modo nenhum, que não há conspirações. Mas também não te acompanho se estás a querer dizer que só há conspirações. As crises são criadas, de forma regular, mesmo quando não há falências: como dizem os economistas, o núcleo duro da disciplina (capitalista) é a escassez. Mas é também a confiança (dos povos no estado e nos mercados e nas tecnologias). Por vezes, as crises coincidem com as falências. No caso do New Deal, os capitalistas foram penalizados com impostos de mais de 90% durante alguns anos.

Deixo visíveis os emails dos presentes para podermos dialogar por email, se for a vossa vontade.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

De: Jose Oliveira <profjoseoliveira@gmail.com>

Enviada: 2 de outubro de 2018 11:13

Para: António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>

Assunto: Re: sumario encontros oposição

Amigo António

Com certeza que subscrevo o resumo, apenas gostaria de realçar dois pontos que me parecem relevantes.

Não te acompanho quando dizes que a crise constitui a falência do capitalismo. Penso exactamente o posto. As crises são normalmente planeadas e executadas pelos grandes banqueiros para delas extraírem ainda mais poder, eliminar a concorrência e consolidar os seus oligopólios (posso comprovar). De facto, na crise de 1929 faliram 16.000 bancos nos EUA, mas o núcleo duro do capitalismo sai sempre grandemente reforçado. A Sociologia surge assim como mais um elemento de legitimação do poder instituído, actuando através de grupos de profissionais dependentes e obedientes aos esquemas centristos da ordem estabelecida.

António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt> escreveu no dia terça, 2/10/2018 à(s) 10:00:

Caros amigos,

Aqui vai o sumário que escrevi sobre a sessão de ontem.

Vou colocá-lo no site, para consulta, quando estiver pronto. Digam-me se entendem haver algo a corrigir, acrescentar, melhorar. Foi escrita sem revisão.guardo os vossos comentários para fazer a revisão final.

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)
[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)